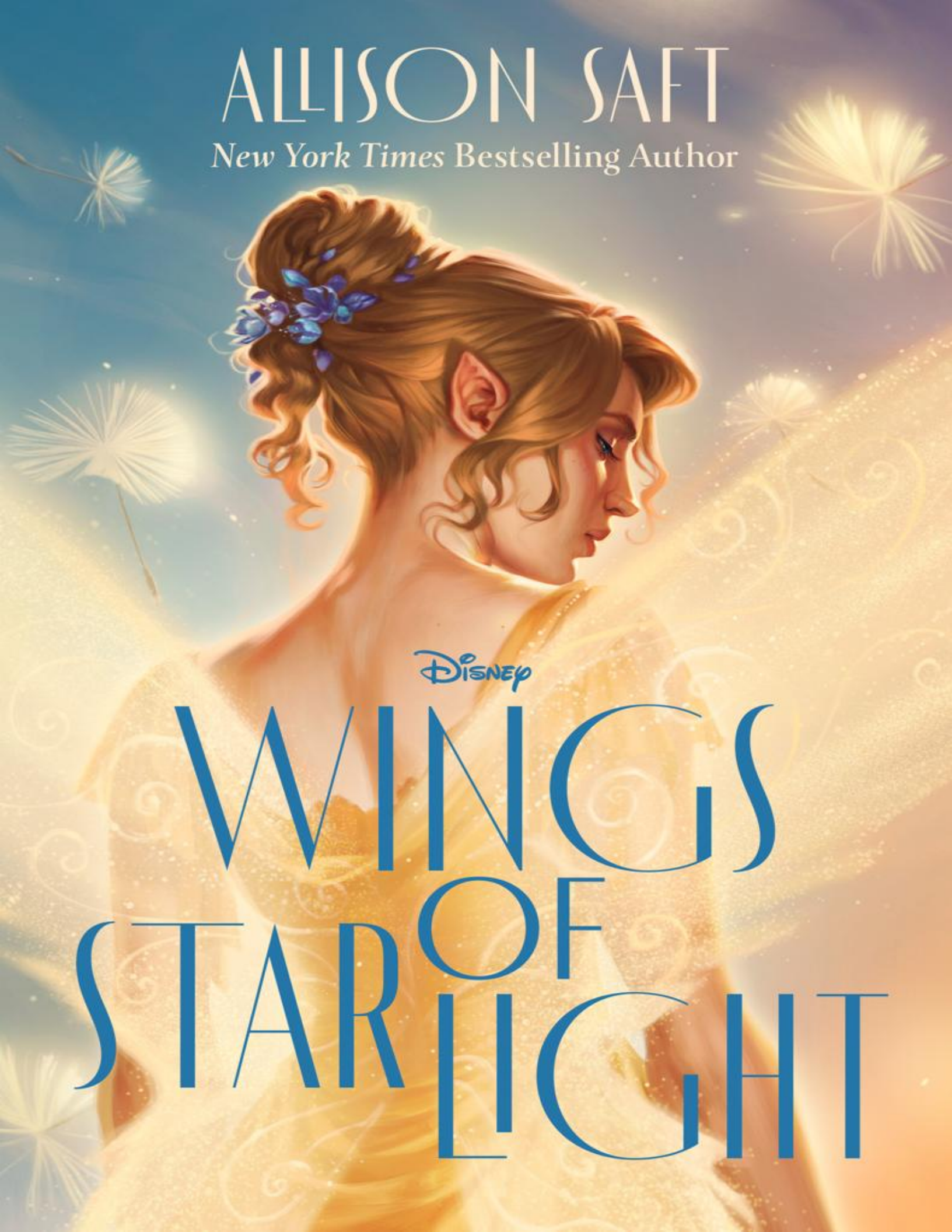


ALLISON SAFT

New York Times Bestselling Author

Disney

WINGS
OF
STARLIGHT



Índice

[Página de título](#)

[Direitos autorais](#)

[Conteúdo](#)

[Dedicação](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

Disney
WINGS
OF
STARLIGHT

ALLISON SAFT


Disney PRESS
LOS ANGELES • NEW YORK

Copyright © 2025 Disney Enterprises, Inc. Todos os direitos reservados.

Publicado pela Disney Press, uma marca da Buena Vista Books, Inc.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do editor.

Para obter informações, dirija-se à Disney Press, 1200 Grand Central Avenue, Glendale, Califórnia 91201.

Primeira edição, fevereiro de 2025

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2024937688

Capa dura ISBN 978-1-368-09845-8

e-book ISBN 978-1-368-11413-4

Projetado por Gegham Vardanyan

Ilustração da jaqueta por Charlie Bowater

Visite disneybooks.com

Conteúdo

[Página de título](#)

[Direitos autorais](#)

[Dedicação](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

Para aqueles que veem o mundo como ele poderia
ser: mais brilhante e cheio de magia

PROLOGUE



Há coisas escondidas de todos, exceto daqueles que sabem exatamente onde procurar. Se você olhar pela janela nas primeiras horas do crepúsculo, quando o mundo todo ainda está dormindo, você pode notar um orbe de luz passando rapidamente pelas folhas do fim do verão, cada uma delas ficando vermelha em seu rastro. Você pode ver tênues faixas douradas no ar, brilhando logo acima dos jacintos que atravessam a terra recém-descongelada. Talvez, se você for realmente observador, você possa apreciar as marcas de cinzel marcando o rendilhado de cristal de cada floco de neve. Infelizmente, poucos são. E assim, poucos experimentarão a verdadeira maravilha. Poucos saberão que até mesmo a coisa mais mundana — o minguate da lua, o fluxo da maré, o reaparecimento fortuito de uma bugiganga perdida sob sua mesa de cozinha — é mágica.

Tudo isso, é claro, é trabalho da Never Fairies.

Eles orquestram a virada da estação em uma única noite, depois retornam para casa. Dizem que se você passar voando pela segunda estrela à direita e seguir em frente até o amanhecer, você também chegará lá: o Reino de Pixie Hollow. Visto de cima, Pixie Hollow é como um bolo cortado em quatro pedaços generosos. Em seu coração está a Árvore do Pó de Pixie, luminosa e dourada como uma vela na escuridão. A leste fica Spring Valley, onde as flores permanecem para sempre em flor. Ao sul: Summer Glade, onde os dias se estendem longos e lânguidos como um gato adormecido. A oeste: Autumn Forest, fresca, nítida e resplandecente de cores.

Depois, ao norte, estão os Bosques de Inverno.

Os habitantes das estações quentes fazem o melhor que podem para manter a Floresta de Inverno longe de suas mentes. Mas quando a vislumbram sob a vasta sombra da montanha, não conseguem deixar de pensar em suas árvores esqueléticas, ou nos pingentes de gelo brilhando como presas à mostra ao luar, ou naqueles que moram em um lugar tão cinza e sem vida. As fadas do inverno — assim raciocinam as fadas

quentes — são melhor deixadas em sua solidão nevada. Elas administram seus próprios negócios há séculos. Além disso, o frio lá é tão amargo e cruel que quebraria as asas de uma fada quente em um instante. Nada de bom viria de cruzar sua fronteira.

Agora, a maioria dos seus medos são superstições infundadas. Mas, sem o conhecimento das estações quentes, forças obscuras habitam a Floresta de Inverno. Há um lugar onde todas as árvores se dobram para trás, recuando do lago congelado que se estende abaixo delas. Lá, o próprio ar fica tão pesado e errado quanto um suor febril. Ninguém visita este lugar. Ninguém sensato, de qualquer forma, exceto o jovem Guardião da Floresta de Inverno.

Mas se você fosse corajoso o suficiente ou tolo o suficiente, você poderia pisar no gelo. Abaixo dele, você não encontraria água, mas uma escuridão profunda e contorcida. Mesmo se você pudesse suportar o medo que ele inspira por mais de um momento, você não seria capaz de dar sentido a ele. As sombras só ocasionalmente se organizam em uma forma reconhecível. Aqui, um dente. Ali, um olho, uma garra.

Não, poucos experimentariam tal terror. Mas se você *tivesse* de alguma forma vagado até o lago nesta noite fria e sem lua - como o Guardião da Floresta de Inverno fez - você poderia ter viu o que ele fez: o momento em que uma única rachadura rachou a superfície do gelo. Você pode ter ouvido o estilhaçar que sacudiu a neve solta dos galhos. Você pode ter sentido a própria floresta tremer de antecipação.

Então: algo — apenas um fio de sombra — se ergueu como fumaça do gelo quebrado. Ele ferveu, então se fundiu em uma forma que ele lembrava do pesadelo que o gerou. Na escuridão, era quase impossível de ver, mas suas pegadas caíam pesadamente contra a terra. Então, compelido por algum instinto antigo e horrível, ele se arrastou em direção às estações quentes.



Era o tipo de tarde feita para devaneios: o ar dourado com a luz do sol e o pó de fada, o prado zumbindo com o zumbido baixo das abelhas. Clarion empoleirou-se no galho de um carvalho, cercada pelo suspiro e farfalhar das folhas. Que doce encontrar-se sozinha e — pelo menos, por quinze minutos gloriosos — sem nada para fazer.

Ela quase se arrependeu do pensamento, por mais adorável que fosse. Era muito fácil imaginar a resposta da Rainha Elvina, entregue como um decreto real: *A Rainha de Pixie Hollow não fica parada enquanto ainda há trabalho a ser feito.*

Mas Clarion não era a Rainha de Pixie Hollow — ainda não, pelo menos — e seu encontro semanal com o Ministro do Verão havia terminado inesperadamente cedo. Ela não pretendia deixar esse raro vislumbre de liberdade ir para o lixo.

Com sua coroação se aproximando, cada momento acordado era regimentado com aulas, ensaios, provas e mais reuniões do que ela jamais imaginou ser possível. Tudo essencial, ela supôs, quando lhe restava apenas um mês para absorver as centenas de anos de sabedoria de Elvina. E, no entanto, Pixie Hollow era vasta e maravilhosa, e Clarion às vezes suspeitava que ela não sabia nada sobre ela. Como ela poderia, quando ela passou quase toda a sua vida observando-a de longe?

Clarion olhou para Sunflower Meadow com algo perigosamente próximo de desejo. Conforme a hora dourada se aproximava, as fadas talentosas da luz emergiram, brilhando de excitação e ansiosas para enfrentar o caos controlado de seu momento mais movimentado do dia. Através do

dossel, ela as observou tecendo através do ar espesso de pólen, deixando rastros de pó de fada em seu rastro. Algumas trabalhavam em equipes para direcionar os raios do sol cada vez mais perto da linha do horizonte, gritando coisas como "Um pouco para a esquerda!" e "Não, sua outra esquerda!" Outras mergulhavam as mãos em raios de sol e os colocavam em suas cestas, tão fácil quanto coletar água de um poço. Nunca deixava de surpreender Clarion quantos pequenos detalhes entravam na magia cotidiana de um pôr do sol. Parecia impossível que em breve, na noite do solstício de verão, ela seria responsável por todos eles.

A perspectiva a aterrorizava mais do que ela gostaria de admitir. Um zumbido agudo cortou seus pensamentos. Então, algo passou por ela: um raio preto contra o céu que clareava. Clarion cambaleou para trás, quase perdendo o equilíbrio antes de se firmar em um galho.

O que foi isso ?

Com uma mão apoiada no coração acelerado, ela olhou para baixo através da cortina de folhas. Uma abelha, vacilando em seu voo, pousou pesadamente no chão e ficou terrivelmente imóvel. Depois de um momento, suas asas bateram, e Clarion soltou um suspiro de alívio. *Não* estava ferida, então, ela pensou. A pobrezinha deve ter se exauriu. As abelhas eram um bando trabalhador e tendiam a superestimar seus limites, especialmente aqui no calor perpétuo do meio do verão.

Felizmente, não era nada que uma colher de açúcar não resolvesse — e havia açúcar de sobra em Pixie Hollow. As cozinhas, sem dúvida cheias de todos os tipos de doces a essa hora, ficavam no palácio. Melhor ainda, a colmeia — e todo o seu mel — ficava do outro lado do prado.

Um problema simples com uma solução simples.

E ainda assim, Clarion hesitou.

Qualquer problema no reino a fazia coçar com o desejo de consertá-lo. Antes, ela acreditava que essa tendência era uma centelha de sua magia latente de talento governante — um pequeno pedaço do todo que finalmente fazia sentido para ela. Mas agora, ela entendia que seus instintos — sua compaixão — não eram confiáveis.

A Rainha de Pixie Hollow não pertence aos seus súditos.

Desde sua Chegada — a noite em que emergiu de uma estrela cadente, como todas as Rainhas de Pixie Hollow antes dela — Elvina a impressionou que ela era diferente. Que *elas* eram diferentes, marcadas indelevelmente com poeira estelar. Além de Elvina, Clarion era o único talento governante em todo o Pixie Hollow.

Clarion olhou para o prado, onde equipes de talentos animais e talentos de jardinagem pastoreavam seu rebanho de abelhas. Será que eles notariam que uma estava faltando? Mesmo que notassem, uma busca levaria a noite toda. Talvez algo tão servil quanto salvar uma abelha estivesse abaixo de sua atenção, mas ela não conseguia suportar a ideia

de ir embora agora. Que tipo de rainha ela seria se se afastasse do sofrimento até mesmo do menor de seus súditos?

Agora, só faltava descer daquela árvore.

Uma capa pesada pendia sobre seus ombros, prendendo suas asas sob seu peso. Todas as fadas emitiam uma aura tênue — uma que alargava e diminuía com seus humores — mas, graças às suas asas, seu brilho sempre beirava o irreprimível. Embora as fadas talentosas da luz aqui no verão compartilhassem sua propensão ao ouro, a semelhança não era impressionante o suficiente para permitir que se escondessem à vista de todos. Deixar alguém ver suas asas era o mesmo que gritar *Aí vem a futura Rainha de Pixie Hollow*.

Se alguém dissesse a Elvina que ela estava ali, sem ninguém para cuidar dela... Não, não dava para pensar nisso. Ela teria que descer.

Inconveniente, sim. Perigoso, quase certamente. Mas ela preferia de longe o risco de cair a suportar mais um sermão de Elvina.

Preparando-se, Clarion abaixou-se galho por galho. Seus músculos queimavam e a casca raspava suas mãos, mas por algum milagre, ela conseguiu não torcer o tornozelo ao pousar no mar de girassóis. Eles se erguiam acima dela, balançando suavemente na brisa e lançando sombras salpicadas na grama. E ali, a poucos metros à sua frente, a abelha estava deitada em uma poça de luz solar amarela.

Cautelosamente, ela se aproximou da abelha e se ajoelhou ao lado dela. “Você está bem?”

As antenas da abelha giraram letargicamente em sua direção, o que Clarion decidiu interpretar como um sim.

Ocorreu-lhe que nunca havia interagido com uma abelha antes. Muitas fadas as mantinham como animais de estimação — tanto quanto *era possível* mantê-las, considerando que elas iam e vinham quando bem entendiam. As fadas faziam amizade com elas com pratos de néctar deixados nos peitoris das janelas e jardins domésticos cheios de suas flores favoritas: erva-dos-gatos, lavanda e margaridas-de-olhos-pretos. Elvina nunca *proibiu* tais coisas, é claro, mas também não as encorajou. A facilidade que os outros tinham com os animais de Pixie Hollow era outra coisa que Clarion nunca aprendera.

“Vamos te colocar de volta no ar”, ela disse. Ela se sentiu apenas um pouco tola, falando com uma abelha como se pudesse entender. Apenas talentos animais poderiam realmente se comunicar com seus protegidos. Ainda assim, para garantir, ela acrescentou: “Por favor, não me pique.”

Cuidadosamente, ela pegou a criatura em seus braços. A abelha não ofereceu resistência, e Clarion teria jurado que viu gratidão em seus olhos cansados. Seu pelo era surpreendentemente macio — e exalava o mais leve perfume: o brilho do limão e o terroso do pólen. Tão perto, Clarion percebeu pela primeira vez o quão semelhantes as asas de uma abelha eram às do resto de seus sujeitos. Elas eram tão frágeis e

preciosas quanto vidro e marcadas com um padrão intrincado de veias. Isso fez aquele instinto protetor acender mais forte dentro dela. Embalando a abelha no peito, ela seguiu seu caminho através do campo de girassóis. Através do dossel acima, ela vislumbrou fadas voando. Partículas de pó de fada flutuavam preguiçosamente pelo ar, junto com o som brilhante de suas risadas. Isso a encheu de felicidade e desejo — e também de uma terrível solidão. Todas as fadas que compartilhavam um talento viviam juntas, trabalhavam juntas, brincavam juntas. Elas se misturavam com outras, é claro, mas havia uma compreensão inata entre aquelas que foram feitas para o mesmo propósito. Às vezes, Clarion se perguntava como seria sentir que você pertencia a algum lugar — ter tantos outros a quem recorrer, que todos a entendiam tão completamente.

Eles chegaram à beira do campo, onde um bordo alto projetava sua longa sombra sobre eles. Mas foi o oco em seu tronco — um buraco a alguns metros do chão, preenchido com fileiras precisas de favos de mel dourados — que chamou a atenção de Clarion: a colmeia.

Gentilmente, Clarion colocou a abelha na grama. “Eu já volto.”

Ela deu um bater de asas em resposta. Em algum nível, talvez a abelha a entendesse.

Clarion virou-se para a árvore e respirou fundo para se acalmar. Ela já tinha escalado uma árvore hoje. Qual era a outra? Ela se içou para cima, encontrando apoios nos sulcos da casca e nas tampas de cogumelos mel que floresciam do tronco. Por fim, ela subiu na borda do buraco. O zumbido suave das abelhas reverberou dentro de seu peito, e os cheiros florais reconfortantes de cera e néctar a inundaram. Clarion cuidadosamente arrancou uma tampa de cera que selava o favo de mel. Imediatamente, o mel jorrou para a superfície. Na luz do sol do fim da tarde, quase parecia brilhar. Clarion arrancou uma folha de um galho e a usou para coletar o mel que pingava languidamente do favo.

A viagem de volta para baixo foi perigosa com uma mão, mas ela conseguiu não cair. Ela correu de volta para sua abelha e colocou a folha ao lado dela. “Aqui está.”

Clarion observou ansiosamente enquanto ela bebia. Lentamente, a abelha começou a se mexer. Primeiro, ela se levantou — cautelosamente, como se estivesse testando se suas pernas delicadas a segurariam. Então, claramente encorajada, ela levantou voo. Ela deu piruetas e saltou, girando em círculos ao redor de Clarion como se dissesse: *Junte-se a mim*.

“Eu gostaria de poder.”

Clarion não conseguiu evitar sorrir. Mesmo que seu talento a iludisse, talvez ela pudesse fazer algo de bom.

“Mel?” alguém chamou, sua voz desgastada pelo pânico. “Mel?”

A abelha se animou ao ouvir seu nome.

Clarion olhou para cima e viu um talento animal vasculhando freneticamente os girassóis. “Procurando por este?”

O rosto fulvo da fada apareceu entre as pétalas, a confusão estampada em suas feições. Ela piscou forte para o espaço vazio à sua frente. “Tem alguém aí?”

“Aqui em baixo.”

Ela se assustou, quase caindo do poleiro. Clarion estremeceu. Era realmente raro ver uma fada em pé. Conscientemente, ela ajustou a queda de sua capa. Felizmente, o brilho do sol de verão abafou a luz que suas asas derramavam. O pouco que escapava da gola apenas manchava levemente sua pele, não mais óbvio do que o reflexo de um botão de ouro preso sob seu queixo. O suor escorria por suas costas, deslizando entre suas asas apertadas. Ela realmente mal podia esperar para se livrar dessa capa — e do calor, aliás.

Quando o animal-talento recuperou os sentidos, seu olhar pousou na abelha. “Mel!”

Mel avançou em direção à fada a toda velocidade, desviando no último momento. O talento animal não vacilou, como se estivesse acostumada a tais exhibições. Ela parecia estar lutando contra um sorriso enquanto Mel mergulhava em um girassol.

“Você deveria polinizar calêndulas hoje”, a fada reclamou, mas Clarion percebeu pela expressão em seu rosto que ela estava aliviada por tê-la encontrado.

Mel ressurgiu coberta de pólen. Ela sacudiu o excesso como um cachorro molhado e então voou para se juntar ao resto de sua colmeia. Até Clarion percebeu que ela estava se alisando.

“Ela parece ser uma pessoa difícil de lidar”, observou Clarion.

“Oh, você não sabe nem a metade.” O talento animal balançou a cabeça com exasperação afetuosa, então se virou para Clarion. “Foi uma coisa gentil que você fez.”

Clarion se viu pega de surpresa — e um tanto perturbada pelos elogios. Poucas fadas falavam com ela sem serem abordadas primeiro. Elvina exalava uma aura de comando que envolvia Clarion em sua proteção. Isso a mantinha dentro, sim — mas todos os outros fora. Ela estava lamentavelmente sem prática com qualquer tipo de conversa fiada. Tentando manter a formalidade longe de sua voz, ela disse: “Não foi problema algum.”

“Mesmo assim, obrigada.” O sorriso do animal-talento era tão caloroso quanto o próprio verão. “Tenho certeza de que você está bem ocupado sem ter que perseguir abelhas rebeldes.”

Clarion sorriu de volta, hesitante. “De nada.”

“Eu já vi você por aí antes?” A fada franziu a testa, procurando seu rosto como se tentasse localizar suas feições. “Você parece quase como—”

“Clarion?”

Clarion estremeceu ao som de seu nome — e à voz familiar do Ministro do Verão. *Exposta*. O medo tomou conta de Clarion quando ela se virou para encarar o ministro. Aurelia pairou logo atrás dela com um olhar de leve surpresa. Ela tinha pele negra e profunda e olhos tão dourados quanto pó de fada. Seu cabelo caía em mechas até os ombros. Hoje, ela vestia um vestido de mil-folhas; a saia em camadas espumava com flores, dispostas em cachos de rosa, laranja e branco.

“O que você ainda está fazendo aqui?” ela perguntou. “Eu pensei que você já teria retornado ao palácio.”

“Fiz um breve desvio”, ela respondeu fracamente. “Para descansar?” Aurelia se animou com isso. Ela foi moldada por uma eternidade de tardes lânguidas de verão e valorizava a paz e o silêncio acima de tudo. Aqui na Clareira do Verão, sempre havia tempo para um cochilo ou um copo de limonada. Mas enquanto cochilavam durante o calor do meio-dia, eles realmente ganhavam vida à noite. O verão era a única estação que nunca dormia de verdade. Se Clarion permanecesse aqui por tempo suficiente, aqueles que viviam sob a luz da lua — talentos de vaga-lumes e talentos de contagem de estrelas — emergiriam de seu sono.

“Minha brilhante protegida,” Aurelia arrulhou. “Viu? Você *está* aprendendo sobre o Verão.”

O elogio soou vazio, mas Clarion forçou alegria em sua voz. “Obrigada, Ministro.”

Ela sorriu indulgentemente. “Agora, se me der licença. Tenho que verificar meus talentos de luz.”

Com isso, ela saiu. Relutantemente, Clarion olhou para o animal-talento, que estava bem pálido. Ela abriu a boca para dizer algo, *qualquer coisa*, para deixá-la à vontade. Mas era muito tarde. Ela viu o momento exato em que a outra fada percebeu. O momento exato em que seu choque se transformou em mortificação — e algo como espanto. Clarion mal conseguia suportar.

“Princesa Clarion,” ela engasgou. “Eu sinto *muito*.”

Clarion levantou as mãos pacificamente. “Não há necessidade de se desculpar.”

“Mas há.” O talento animal curvou sua cabeça profundamente. “Vossa Alteza, por favor, perdoe-me por minha impertinência. Se eu soubesse...” Então ela nunca teria falado com Clarion.

O que mais havia para dizer? Silenciosamente, ela disse: “Você está perdoado.”

O talento animal abaixou a cabeça novamente. Murmurando um agradecimento ofegante, ela saiu correndo. De volta ao trabalho, sem dúvida — e de volta aos amigos.

Aquela dor familiar de solidão se desenrolou através dela como uma estrela em colapso. Por alguns minutos preciosos, Clarion quase conseguiu esquecer quem ela era. Aqui, não havia guardas a seguindo à distância. Ninguém prestando atenção quando ela passava. Nenhuma

conversa morrendo enquanto ela se aproximava. Nenhum sussurro ondulando em seu rastro. Mas nada disso importava no final. Mesmo aqui, ela não conseguia escapar do que ela era.

Ela deveria ter desejado isso: respeito, deferência, distância imparcial. Mas não queria. Mais do que tudo, ela queria a única coisa que parecia realmente impossível: ser *conhecida*. Elvina nunca iria...

Elvina.

Oh, estrelas. Se ela não fosse embora agora, ela iria se atrasar.

Ela desabotoou o broche em sua garganta e deixou cair a capa de viagem de seus ombros. Ela a pegou rapidamente em seus braços e levantou voo, irrompendo dos girassóis em uma rajada de luz dourada e pétalas douradas. Algumas abelhas que passavam preguiçosamente desviaram do curso para evitá-la.

Conforme ela subia mais alto no céu, ela arrastava um rastro de pólen atrás de si. Ela se permitiu um único momento para olhar para trás — e se arrependeu imediatamente. Os talentos da luz aparentemente tinham terminado seu trabalho da tarde. Eles se separaram em equipes e estavam lançando uma bola de luz para frente e para trás sobre uma rede. Mesmo dessa distância, Clarion podia ouvir seus gritos de riso — e os gritos misturados de triunfo e frustração quando uma equipe marcava um ponto.

A visão de seus súditos, tão completa e descomplicadamente felizes, deveria tê-la encantado. Mas agora, era apenas um lembrete doloroso de sua própria solidão real. Por mais que quisesse, ela nunca pertenceria verdadeiramente a eles.



A Árvore de Pó de Pixie surgiu à distância, imponente e exuberante com sua copa semelhante a uma nuvem. Cascatas em camadas de pó de pixie — tão douradas e brilhantes quanto a luz das estrelas — jorravam do coração de seus galhos mais altos e se acumulavam no ápice de seu tronco. Seus galhos se enrolavam protetoramente ao redor do Poço de Pó de Pixie antes de se desviarem em arcos elegantes e arabescos caprichosos. Clarion sempre pensou que um parecia um coração de cabeça para baixo, outro como o rabo de um gato curioso. E logo abaixo do poço, alojado em uma cavidade do tronco antigo da árvore, estava o palácio. Janelas pontilhavam a casca, cada uma iluminada por dentro. Mesmo daqui, Clarion conseguia distinguir o brilho da luz que ela havia deixado acesa em seu quarto, emanando suavemente das portas de vidro de sua sacada. Ela contava que voltar furtivamente seria a parte mais difícil dessa pequena empreitada, mas não havia previsto o desafio adicional de seu próprio atraso. Sério, ela estava em uma sequência tão boa de pontualidade. Elvina ficaria tão decepcionada em vê-la quebrada. Se ao menos Clarion tivesse conseguido dominar o teletransporte, uma das habilidades de talento de governo mais úteis. Elvina sempre fazia parecer tão fácil: dissolvendo-se em um redemoinho de pó dourado brilhante e então reaparecendo do outro lado da sala. Clarion uma vez conseguiu fazer sua mão esquerda desaparecer antes que ela voltasse à existência com uma vingança. Dado seu histórico com magia, ela estava meio convencida de que ela desapareceria para sempre, ou que acabaria do outro lado da sala sem o resto dela preso.

Ela pousou no emaranhado de galhos do lado de fora de sua sacada e diminuiu seu brilho. Com alguma sorte, ninguém estaria procurando por um lampejo de ouro entre a folhagem... embora ela secretamente se deliciasse em imaginar como seus súditos reagiriam à sempre digna Princesa de Pixie Hollow invadindo seus próprios aposentos. Imaginar a reação de Elvina, no entanto, era decididamente menos divertido. Felizmente, ela teve a visão de deixar as portas da sacada destrancadas. Ela as abriu cuidadosamente e então voltou para seu quarto. Assim que ela trancou as portas atrás dela, vozes abafadas filtraram do corredor.

Clarion reconheceu instantaneamente Petra e Artemis.

“...me sentindo um pouco indisposta...” *A voz de Petra*, Clarion notou com agradável surpresa. Estava praticamente se desgastando sob a tensão de mentir.

Sua mais antiga — bem, sua *única* — amiga sempre foi péssima nesse tipo de coisa. Não ajudou que, mesmo depois de todos esses anos, Artemis — a guarda de Clarion — sempre conseguiu perturbá-la. Clarion supôs que apreciava o esforço, considerando que não havia pedido a Petra para protegê-la. Ela nem sabia que a esperava hoje.

Que momento oportuno.

Clarion cruzou o quarto e parou em frente à penteadeira, que estava abarrotada de frascos de fragrâncias e cosméticos. Uma rápida olhada no espelho confirmou que ela não tinha pólen espalhado pelo nariz nem pétalas soltas emaranhadas no cabelo. Ela parecia um pouco corada por causa do voo, mas não havia nada que não pudesse ser explicado. Petra *dissera* que se sentia mal, afinal. Clarion ficou tentada a usar a desculpa para se esquivar da aula, mas não fazia sentido adiar o inevitável. Ela havia feito pouco progresso em sua magia desde que Elvina começou a treiná-la, e não previa um avanço antes do próximo.

Um piscar de olhos chamou sua atenção. As nuvens tinham se deslocado, deixando uma onda de luz solar se derramar no quarto. Além do vidro das portas de sua sacada, ela foi recebida com a visão familiar das montanhas mantendo sua vigília sombria sobre a Floresta de Inverno. No calor da hora dourada, a neve que as cobria brilhava com um branco brilhante. Não importava quantas vezes ela colocasse os olhos nela, aquela beleza fria e austera nunca deixava de atordoá-la. Por mais tolo que fosse, Clarion ansiava por ver as montanhas de perto. Ela quase conseguia se imaginar no topo do cume delas: o vento em seus cabelos, a neve dançando ao seu redor, a beleza de Pixie Hollow vista daquela grande altura. Quão maravilhoso seria.

Elvina desencorajou qualquer linha de questionamento sobre Winter Woods, é claro. Mesmo assim, Winter não a assustava tanto quanto ela sabia que deveria. Da segurança quente e isolada de seu quarto, havia algo tão pacífico sobre isso — e tão terrivelmente solitário.

Assim como ela.

Ninguém das estações quentes visitava a Floresta de Inverno há centenas de anos — desde antes de Elvina nascer, e quem sabia exatamente quanto tempo isso durava? Fadas com talento para governar viviam vidas longas. Clarion nunca havia entendido a falta de curiosidade de Elvina. Havia um outro reino inteiro que elas não conheciam por aí, cheio de fadas com as quais ninguém nunca havia falado. Apenas as fadas da primavera e do outono tinham visto fadas do inverno — e apenas à distância, enquanto cruzavam o Mar do Nunca a cada virada da estação.

Eles são tão frios quanto a estação, segundo os relatórios, e mal olham em nossa direção.

Clarion tentou imaginá-los, sombrios e monocromáticos contra um céu cor de ardósia, mas esses detalhes esparsos nunca a satisfizeram. Ela ardia com perguntas para as quais talvez nunca tivesse as respostas. Como deveria ser viver em um lugar tão hostil? Que tipos de problemas eles tinham? E como era o Guardiã da Floresta de Inverno?

A voz de Ártemis soou no corredor: “Saia do caminho, consertador.” Um ruído estrangulado de protesto — então, a maçaneta balançou ameaçadoramente contra a fechadura.

“Princesa Clarion,” Ártemis chamou, “vim escoltá-la até os aposentos de Sua Majestade.”

Não havia mais como evitar, então. Se ela realmente se decidisse a isso — ou acreditasse que Clarion estava em perigo real — Artemis era mais do que capaz de remover sua porta das dobradiças.

Clarion abriu a porta, ficando cara a cara com o punho de Artemis erguido para bater. Petra, claramente no meio de um esforço valente para impedi-la, estava lutando para segurar seu antebraço. Artemis ficou em posição de sentido imediatamente. Petra sufocou um grito de surpresa. Um rubor cobriu a ponta de seu nariz pálido e sardento.

Ártemis e Petra nunca deixaram de impressioná-la em contraste: Ártemis, alta com ombros largos; Petra, com ossos tão delicados quanto os de um beija-flor. Nenhuma delas, no entanto, jamais se preocupou em aprender o que fazer com o cabelo. Ártemis havia raspado o dela até o queixo, e ele emoldurava seu rosto de pele morena em fios pretos irregulares, como se ela tivesse passado uma faca cega nele por tédio, ou necessidade. Petra ostentava um choque de cachos ruivos brilhantes. Na maioria das vezes, ele ficava empilhado no topo da cabeça e preso no lugar com o que quer que ela tivesse em sua oficina. Hoje, ela havia escolhido um prego; o metal brilhava suavemente na luz. Um risco à segurança, no que dizia respeito a Clarion.

“Vossa Alteza”, disse Ártemis quando se recuperou, “você está se sentindo bem?”

Vossa Alteza. Por mais que Clarion tenha pedido, Ártemis nunca abandonou sua formalidade. O talento de escoteira tinha sido a sombra de Clarion desde que ela conseguia se lembrar: seguindo-a ou

permanecendo obedientemente ao seu lado nas ocasiões em que Clarion fazia aparições públicas. Mas, na verdade, Clarion sabia chocantemente pouco sobre ela, além de sua competência assustadora e sua insistência em pontualidade. Nenhuma delas tinha exatamente o hábito de compartilhar seus sentimentos com a outra.

“Muito melhor agora, obrigada.” Clarion viu de relance a expressão de pânico de Petra por cima do ombro de Artemis. Ela quase certamente estaria atrasada para sua aula agora, mas não podia simplesmente deixar Petra se lamentando em qualquer pior cenário que ela tivesse imaginado. Invocando sua voz mais majestosa, ela acrescentou: “Você pode me dar só um momento? Preciso falar com Petra. Sozinha.”

Artemis — obviamente pensando no horror indizível de chegar um minuto atrasado a um compromisso — parecia agoniada. No entanto, ela disse: “Claro, Vossa Alteza.”

Ela recuou pelo corredor e cruzou os braços atrás das costas em repouso de desfile. Sem dúvida ela estaria ouvindo, apesar de sua expressão estudiosamente indiferente. Todos os talentos de escoteiros eram incorrigivelmente intrometidos, mas Clarion supôs que era isso que os tornava bons em seus trabalhos.

Clarion conduziu Petra para seu quarto e fechou a porta atrás delas. Imediatamente, Petra agarrou o braço de Clarion. Em um sussurro estridente, ela exigiu: “Onde você estava? Eu parei para dizer olá, mas você não atendeu a porta. Então, Artemis me encurralou lá fora para perguntar se eu tinha visto você, e eu tive que inventar alguma coisa!” “Sinto muito. E obrigado. Eu tenho—”

Antes que ela pudesse dizer outra palavra, Petra caiu no chão. Seu vestido, costurado com folhas verdes de bordo, amontoou-se ao redor dela. Ela soltou um longo gemido e aninhou a cabeça entre as mãos. Clarion quase a lembrou do objeto afiado espetando seu coque, mas pensou melhor. Claramente, ela tinha preocupações maiores no momento.

“Não sei como você consegue ficar sozinho com ela todos os dias”, disse Petra. “Ela é tão *intensa*. Você já tentou atrapalhar quando ela está pensando em alguma coisa?”

“De fato-”

“Eu te protegi o máximo que pude”, Petra continuou, “mas quando ela relatar o que eu fiz para Elvina, meus dias aqui estarão contados.”

“Obrigado por me cobrir,” Clarion conseguiu interromper. “Mas tenho certeza de que não é—”

“Talvez não seja tarde demais para escapar.” Depois que Petra começou, não havia muito que pudesse detê-la. Cada palavra saía dela com urgência crescente. “Ouvi dizer que algumas fadas ganham a vida em outros lugares, se escondendo em navios piratas ou—”

Clarion não sabia por onde começar a desembaraçar isso. Em vez disso, ela fingiu considerar. “Agora, essa é uma ideia. Imagino que eles teriam

muito trabalho para um consertador em um navio.”

Petra a olhou boquiaberta. “Você está tentando se livrar de mim!”

Clarion não conseguiu evitar sorrir. “Consertando redes, consertando o casco, consertando as panelas e frigideiras...”

“Tudo bem,” Petra resmungou, mas não havia veneno nisso. “Eu entendi.”

Clarion riu suavemente — mas rapidamente ficou séria com o olhar estranhamente agridoce no rosto de Petra. Clarion entendeu perfeitamente. Fazia algumas semanas desde que se viam, e ainda assim, parecia que o tempo não havia passado. Embora não tivessem nascido da mesma risada, às vezes Clarion sentia como se fossem irmãs. Elas sempre compartilharam algum entendimento inato: nenhuma delas era exatamente o que parecia à primeira vista.

Poucas fadas levavam Petra a sério quando tudo o que se importavam em notar eram as coisas inquietas que ela dizia. Mas Clarion sempre amou ver sua mente girar como uma máquina fantástica. Na verdade, ela considerava catastrofizar um dos muitos encantos de Petra, agora que sabia como tirá-la disso. Por baixo de tudo, ela era brilhante, engraçada e leal — o tipo de fada que nunca deixava seus medos realmente a segurarem, não importa o quão poderosos eles fossem.

Ah, como ela sentia falta dela, mesmo quando ela estava aqui.

Anos atrás — antes de Elvina proibir Clarion de andar livremente, antes de seus deveres tomarem conta de todo o seu tempo livre — os dois eram inseparáveis. Eles saíam furtivamente — ou talvez mais

precisamente, Clarion arrastava Petra aos chutes e gritos de sua oficina — para explorar, com a presença sofredora de Artemis logo atrás deles.

Agora, Clarion tinha seu treinamento, e Petra tinha seu trabalho.

Ela se especializou em trabalhos em metal intrincados, mas havia pouca coisa que ela não pudesse consertar ou fazer. Ao longo dos anos, ela havia criado tudo, de joias a utensílios e esculturas — e sonhava ainda mais alto. Certa vez, ela passou uma noite inteira explicando seus esquemas para uma prótese. Naturalmente, Elvina se encantou tanto com sua arte quanto com sua engenhosidade e a nomeou como a funileira pessoal da Coroa. Clarion ainda se lembrava de quão orgulhosa Petra estava — como sua excitação a tornara positivamente luminosa.

Isso encheu Clarion com o tipo mais puro de alegria que ela já conheceu.

Por mais que Clarion ansiasse por aqueles dias despreocupados que costumavam compartilhar, Petra merecia seu sucesso.

Ela merecia felicidade.

Clarion ofereceu as mãos a Petra. Quando ela as pegou, Clarion a puxou do chão e a guiou de volta para o ar. “Vejo você assim que puder.” Depois de um momento, ela acrescentou, “Eu te aviso se você precisar fugir para uma vida no mar.”

Petra gemeu lamentavelmente. “Ótimo.”

Clarion abriu a porta do quarto. Com um último suspiro sitiado, Petra voou pelo corredor. Ela parou por apenas um momento para lançar um

olhar demorado para Artemis. Artemis, por sua vez, permaneceu perfeitamente impassível, mas Clarion não confundiu a tensão em seus ombros.

Honestamente. Um dia desses, Clarion orquestraria algum tipo de intervenção. Dez anos de desânimo já eram tempo suficiente.

“Estou pronta”, ela disse.

As portas do quarto dela se abriam para uma vasta câmara: uma cavidade que se formara no tronco. Passarelas e escadas de madeira traçavam o perímetro, descendo em espiral até um nível de cerne sólido. Abaixo disso estava o coração vivo da árvore, onde a magia fluía através dele como seiva, até as veias mais estreitas de suas folhas e para suas raízes mais distantes.

Juntos, eles subiram as escadas em espiral em direção aos aposentos de Elvina. As paredes estavam gastas com o tempo e esculpidas pelas mãos de incontáveis carpinteiros talentosos. Clarion sempre encontrava algo novo para admirar quando passava. Aqui e ali, uma imagem a atingia: uma íris ornamentada, os olhos redondos de uma coruja, a curva do rio que cortava Pixie Hollow. Em alguns lugares, a arte estava escondida por pedaços de musgo e trepadeiras floridas, mas Clarion ainda conseguia ver tinta com infusão de pó de fada brilhando por baixo. Ninguém nunca raspou a folhagem; a Árvore de Pó de fada, é claro, deveria ter uma mão em seu próprio estilo.

Eles pararam em frente ao enorme conjunto de portas que ficavam diante dos aposentos de Elvina, cada uma gravada em detalhes de tirar o fôlego com uma metade espelhada da Árvore do Pó de Pixie. Artemis abriu-as para ela, deixando uma lâmina de luz do sol do fim da tarde cortar a passarela. Respirando fundo, Clarion entrou — e foi recebida pela parede de retratos.

Pinturas de todas as rainhas que vieram antes dela a encaravam, todas elas equilibradas e poderosas. Com séculos de diferença, cada uma foi feita em um estilo radicalmente diferente — mas todas elas foram feitas por uma mão reverente. Elas a encheram de um temor silencioso.

Parecia impossível que seu retrato fosse pendurado ao lado do delas.

Quando era mais jovem, ela as procurava por qualquer semelhança com ela. Algumas compartilhavam sua pele clara ou olhos azuis encapuzados, outras seus cabelos castanhos mel. Mas todas elas tinham as mesmas asas: luminosas e douradas e em forma de borboleta monarca. Agora, ela só se preocupava que se olhasse muito de perto, encontraria decepção em seus rostos.

Clarion desviou o olhar dos retratos. No final da fileira estava Elvina, sua silhueta cortada na janela iluminada pelo sol. Ela usava um vestido dourado com saias largas e babadas; o tecido brilhava com o pó de fada tecido nele. Partículas douradas saíam da cauda de seu vestido e brilhavam no chão, girando apaticamente pelo ar. Uma coroa — a feita por Petra, Clarion notou — estava no topo de sua cabeça; ela se erguia

bem acima dela, curvando-se para trás no formato dos chifres de uma cabra. Nela, ela parecia imponente, exatamente como uma fada com talento para governar deveria ser.

“Você está atrasado,” ela disse cansada. Não era uma acusação, mas sim uma declaração. Já tinha acontecido antes. Ambos sabiam que aconteceria novamente.

Clarion fez o melhor que pôde para não murchar diante de sua insatisfação. “Sinto muito.”

Elvina se virou para encará-la. Clarion não pôde deixar de notar o quão cansada a rainha parecia hoje. Mechas grisalhas atravessavam seus cabelos castanhos, e o brilho de seu vestido desbotava os tons frios de sua pele branca. Mesmo assim, sua expressão não tolerava argumentos ou humilhações. Havia algo incognoscível em seus olhos verdes, o olhar remoto e intransigente de uma fada que vivera cem vidas. Às vezes, isso assustava Clarion, esse vislumbre de seu futuro.

“Por um bom motivo, eu acredito”, disse Elvina.

“Oh, sim. Uma razão muito boa.” Qual *era essa razão*, ela ainda não sabia. Mas certamente ela poderia inventar alguma explicação razoável se fosse solicitada.

Elvina fez um som desdenhoso, como se os detalhes não lhe dissessem respeito. Clarion mal conseguia acreditar em sua sorte. “Você tem praticado as técnicas que discutimos?”

Clarion assentiu. Ela tinha. Claro que tinha. Ela não podia dizer, no entanto, que tinha feito muito progresso nos últimos meses — um fato que a desanimava infinitamente. Desde o momento em que uma fada abria os olhos pela primeira vez, elas sabiam exatamente qual era seu talento: sua afinidade mágica, sua vocação na vida, a coisa que vinha a elas tão facilmente quanto respirar. Talentos, segundo a maioria dos relatos das fadas, davam a todos em Pixie Hollow propósito e alegria. Clarion duvidava muito que os seus próprios fossem tão fáceis.

Elvina lhe dissera que a magia do talento de governar estava enraizada na emoção — ou melhor, na ausência dela. Somente com perfeita clareza mental e foco completo ela poderia encontrar a liberdade de manipular a luz das estrelas queimando intensamente dentro dela. Mas por mais que Clarion tentasse — seja por meio de respiração, exercícios ou pura força de vontade — ela não conseguia se esvaziar de sentimentos. Ela não conseguia se livrar daquela fome desesperada por conexão.

“Bom”, disse Elvina. “Deixe-me ver.”

Em um instante, as mãos de Clarion ficaram frias de nervosismo. Não, ela não podia se desesperar ainda. Talvez dessa vez fosse diferente. Ela estendeu a mão. Bem no fundo do peito, ela sentiu aquela fonte infinita de magia. Se ela aplicasse pressão suficiente se ela segurasse com toda a sua força, ela poderia dobrá-lo à sua vontade.

Foco, ela pensou. *Controle-o.*

Por um momento, uma luz dourada floresceu no centro de sua palma. Ela tremeluziu como uma vela na brisa, mas uma esperança hesitante acendeu dentro dela. Ela se sentiu tonta com o esforço, mas com apenas um pouco mais...

A luz estalou e depois morreu. Clarion bufou, fechando os dedos em volta da brasa moribunda como se pudesse mantê-la. Ela tentou não deixar sua decepção transparecer em seu rosto.

Do outro lado da sala, uma luz brilhante brilhou. Quando Clarion olhou para cima, Elvina estava iluminada por seu poder. Ele se equilibrava em sua palma como uma estrela em miniatura, projetando os planos de seu rosto e todo o ambiente em alto relevo. Ele emitia tanto brilho e calor que Clarion teve que resistir à vontade de levantar o braço para se proteger.

Diferentemente das fadas com talento de luz, as fadas com talento de governo não precisavam manipular uma fonte de luz. Nascidas de estrelas caídas, elas carregavam poços de luz estelar dentro de si. Sua magia podia cortar a escuridão absoluta — e quase tudo mais em seu caminho. Ela podia ser moldada em um escudo para proteger o reino. Mais do que tudo, era um símbolo: algo em que os cidadãos de Pixie Hollow podiam acreditar.

Elvina cerrou o punho e a luz se apagou. “Clarion.”

Lá vem. Clarion educou seu rosto para a neutralidade enquanto se preparava para sua palestra.

“Sua coroação está a um mês de distância.”

Clarion abaixou a cabeça. “É.”

“Você ainda não dominou a habilidade mais fundamental da nossa magia.”

“Eu não”, ela disse, com um leve tom de voz.

A Rainha de Pixie Hollow exigia domínio da política, organização e liderança, mas também a magia única para fadas com talento de governo. Uma magia que Clarion vinha lutando para aperfeiçoar desde que seu treinamento começou oficialmente. Ela não conseguia se teletransportar. Ela não conseguia produzir mais do que um lampejo de luz. Evidentemente, ela não conseguia nem ajudar uma única *abelha* sem horrorizar seus súditos.

Depois de um momento de fragilidade, Elvina perguntou: “Onde você estava?”

Que sentido havia em esconder isso? Ela suspirou em derrota. “A Clareira de Verão.”

Os lábios de Elvina se estreitaram. Ela não precisava falar para Clarion sentir todo o peso de sua desaprovação. O olhar em seus olhos dizia: *Já passou da hora de deixar de lado as coisas infantis.* “Por que você não voltou aqui depois da sua reunião?”

“Eu pretendia voltar na hora, de verdade. Mas quando eu estava saindo, houve—” Ela se interrompeu antes que pudesse se perder em detalhes

que Elvina não queria ou precisava. “Pensei em oferecer minha ajuda a um talento animal.”

A surpresa de Elvina era palpável. “Isso não é da sua conta. Tenho certeza de que aquela fada tinha seus negócios muito bem controlados.”

“Mas ela me agradeceu,” Clarion protestou. “Talvez ela precisasse—”

“Eu entendo que você se sinta constrangida pelo nosso papel. Mas você não pode ajudar todas as fadas necessitadas, e certamente não pode fazer amizade com todas elas. Uma boa rainha deve se concentrar na tarefa em questão — e ajudar em *escala*. Este é um vasto reino.” Elvina flutuou até a janela. Aqui, nos galhos mais altos da Árvore do Pó de Pixie, elas podiam ver metade do Vale das Pixie estendida diante delas. “Tudo isso é sua responsabilidade. Você entende o que isso significa?”

“Claro que sim.”

“Você é jovem.” Elvina franziu a testa. “Você não conheceu o conflito — não o conflito *real*, aquele que ameaça todas as pessoas sob sua proteção. Você deve estar preparada. Até que você domine o básico, você não pode tentar resolver problemas que são muito mais complicadas do que parecem à primeira vista. Estou confiando tudo o que tenho a você.” O tom dela deixou espaço para algo não dito. Havia tantas coisas que ela poderia preencher. *Não vou ver você desperdiçar isso. Não sinto que você consiga lidar com isso.*

“Para ser uma boa rainha—”

“É ser tão fria e distante quanto a estrela da qual você nasceu,” Clarion terminou para ela. Era o princípio que fundamentava a filosofia de governança de Elvina, um que tinha sido impresso em Clarion desde o dia em que ela chegou.

Elvina a nivelou com um olhar fixo. “Eu sei que não é fácil para você. Mas essa é a única maneira de manter a imparcialidade — a única maneira de fazer os cálculos necessários para governar de forma justa.”

Mas se essa era realmente a única maneira, por que ela chegou assim ?

Quando ela emergiu de sua estrela, um senso de propósito ardia dentro dela. Essa certeza parecia tão distante agora. Às vezes, ela suspeitava que tinha piorado em magia quanto mais perto sua coroação se aproximava. Às vezes, mais profundamente, ela se preocupava que talvez a qualquer dia, uma nova estrela cairia na Terra e um novo herdeiro surgiria, tão perfeito quanto a própria Elvina. Tão perfeito quanto Clarion falhou em ser.

“Eu entendo”, ela murmurou.

O semblante severo de Elvina suavizou-se. “Você está sob muita pressão. Mas ela chegará até você, Clarion.”

Mas quando? O pensamento doeu mais fortemente do que ela esperava.

“Obrigada.”

“Vá descansar um pouco”, disse Elvina. “Você está pronta para comandar a reunião do conselho amanhã.”

Ela quase tinha esquecido. Semanalmente, os Ministros Sazonais se reuniam para discutir o estado das coisas dentro de cada um de seus reinos. Qualquer coisa, de disputas a solicitações de recursos, era levada a Elvina.

E começando amanhã, Clarion supôs, antes *dela* .

Amanhã, então. A partir de amanhã, ela tentaria *agir* como a rainha que Pixie Hollow precisava.



Na manhã seguinte, com a advertência de Elvina ainda ecoando em seus ouvidos, Clarion se preparou para a reunião do conselho: a primeira que ela correria sozinha. Para garantir, ela folheou uma última vez os papéis em sua escrivaninha, uma coleção de resumos de seus ministros. A agenda de hoje era misericordiosamente — e surpreendentemente — leve. Pixie Hollow estava mais movimentada nas semanas que antecediam cada virada sazonal. Com o solstício a um mês de distância, o fim da primavera dificilmente constituía uma calmaria.

Sem mencionar a questão da sua coroação.

Sua coroação. Só de pensar nisso, seus nervos se inflamavam com intensidade renovada. Logo, Clarion tomaria as decisões que garantiriam que o reino funcionasse como deveria e que as estações mudassem sem problemas. Não apenas Pixie Hollow dependia dela — mas também o Continente e todos os humanos dentro dele.

A pressão a quebraria se ela se demorasse muito nisso. Em vez disso, ela colocaria o conselho de Elvina em prática e se concentraria na tarefa em questão. Se ela não pudesse manifestar uma explosão de magia, então ela pelo menos conduziria uma reunião com equilíbrio inequívoco. Hoje, Elvina não encontraria nenhuma falha nela.

Ela se levantou e, imediatamente, um arrepio passou por ela. Clarion se virou, meio que esperando encontrar alguém — ou alguma *coisa* — observando-a através das portas de vidro de sua sacada. Mas era apenas seu próprio reflexo cansado olhando para ela, emoldurado como um

retrato por galhos entrelaçados — e além dele, as montanhas da Floresta de Inverno. As mais altas delas se erguiam em picos curvos, alcançando umas às outras na forma de uma lua crescente. Na luz do início da manhã, toda a neve estava lavada de rosa como uma concha. Às vezes, ela quase conseguia imaginar que as montanhas estavam olhando para ela.

Durante toda a sua vida, ela ouviu que fadas de inverno não eram confiáveis. Poucas histórias restavam que explicassem a fonte de seu conflito, mas Clarion tinha visto uma ou duas apresentações teatrais que abordavam o conflito que havia separado seus mundos. Ela ainda se lembrava de estar sentada ao lado de Elvina — sem fôlego, com as mãos brancas apertando o corrimão do camarote de ópera — enquanto Saga, a mais talentosa contadora de histórias de Pixie Hollow, tecia o conto de Titânia, a primeira Rainha de Pixie Hollow.

Enquanto ela falava, imagens brilhavam em uma nuvem de pó dourado atrás dela. Flashes de lanças de gelo e flechas de pena. A Árvore de Pó de Pixie, nada mais que uma muda se curvando ao vento. O Guardiã da Floresta de Inverno e sua coroa cruel e serrilhada, envolta por uma escuridão imponente.

Em particular, Clarion achava o drama disso terrivelmente romântico. Elvina, enquanto isso, zombou quando um dos conselheiros de confiança de Titânia morreu sua morte trágica. Mas, apesar de toda a sua teatralidade, a lenda nunca expôs os detalhes que Clarion desejava. contava apenas sobre algum vago desentendimento entre os dois governantes — e uma força obscura que havia consumido o Guardiã dos Bosques de Inverno. Isso, para a maioria dos cidadãos das estações quentes, era o suficiente para desencorajar qualquer curiosidade sobre seus vizinhos.

Clarion reuniu suas anotações e destrancou as portas da sacada. O ar frio a envolveu, e os sons de Pixie Hollow despertando filtraram-se de cima. Com um bater de asas, ela saltou para as balaustradas da sacada, depois para o ar.

Ela ascendeu, afastando folhas e galhos, até que conseguiu ver a fonte do Poço de Pó de Pixie. Uma cascata de pó dourado derramou-se de um buraco e caiu sobre as pétalas cor-de-rosa de um lírio. O excesso pingou sobre camadas de cogumelos ostra perolados até que finalmente desaguou no poço, embalado no nexo espiralado dos galhos da árvore. O pó de pixie — a força vital da sociedade deles — era produzido bem no fundo do coração da árvore. Ninguém sabia exatamente como ou por que, embora os dustologistas tivessem escrito densos tomos acadêmicos e discutido teorias por séculos. Tudo o que Clarion sabia com certeza era que a magia fluía através dele, inundando todo o Vale das Fadas com sua vasta rede de raízes. Se ela se permitisse parar, ela podia sentir tudo ao seu redor, quente e reconfortante. Fazia o ar cheirar doce, como chá com

mel e rolinhos de canela crescendo em um forno. Sua presença sutil nunca deixava de enchê-la de admiração.

Tão cedo, todos começaram a fazer fila para sua ração diária de pó: uma xícara de chá e nada mais. As fadas guardiãs do pó estavam com os tornozelos na água rasa do Poço de Pó de Pixie, mergulhando suas xícaras na piscina. Com eficiência que Clarion admirava, elas despejaram sobre cada fada. Sem isso, o voo seria impossível; as asas de uma fada não conseguiriam suportar seu peso sem ajuda. Por todo o caminho até a fila, as fadas fofocavam e riam. Algumas carregavam xícaras cheias de chá de dente-de-leão, ansiosas por um chute de energia; outras ainda zumbiam com a energia de seus turnos noturnos. Um dos pardais homens abaixo a notaram meio escondida atrás de uma cortina de folhas. Ela levantou uma mão em um aceno envergonhado. Ele empalideceu, então desviou o olhar, tentando fazer algo complicado e de aparência industriosa com a folha de grama em suas mãos. Clarion tentou não murchar de decepção. Petra sempre dissera que sua expressão transmitia uma certa *realeza*, assim como sua voz. Não era como se houvesse algo que ela pudesse fazer sobre qualquer uma dessas coisas.

“Vossa Alteza.”

Clarion soltou um suspiro de surpresa. Ela esticou o pescoço para encontrar Artemis sentada em um dos galhos logo acima dela. Ela sempre conseguia se esconder à vista de todos — um talento impressionante, embora ocasionalmente assustador.

“Bom dia”, disse Clarion, um pouco sem fôlego.

Sua guarda tinha uma expressão beirando a simpatia. Era sempre difícil dizer com Artemis, que dominava a sutil arte do estoicismo. Mas às vezes, Clarion pegava Artemis observando os outros talentos de escoteira quando eles saíam em patrulha com algo como anseio em seus olhos. Na única ocasião em que Clarion perguntou a ela sobre isso, Artemis havia se fechado completamente. Algumas feridas, Clarion supôs, não devem ser cutucadas.

“Eles não estão acostumados com uma rainha que acolhe a familiaridade,” Ártemis disse ríspidamente. “É apenas respeito que eles estão lhe oferecendo.”

Respeito, era? Mesmo que ela quisesse, ela dificilmente se sentia digna disso. Ainda assim, as tentativas hesitantes de Artemis de confortá-la nunca falharam em trazer *alguma* alegria. Artemis nunca admitiria, é claro, mas Clarion suspeitava que havia uma alma sensível enterrada em algum lugar sob aquele exterior frio e profissional. Um dia desses, ela poderia revelar isso.

“Claro.” Com brilho forçado, Clarion perguntou: “Vamos?”

Ártemis assentiu.

Fazendo o melhor para ficar fora de vista, Clarion os levou para as câmaras do conselho, localizadas logo abaixo do Poço de Pó de Pixie.

Não havia porta para falar; em vez disso, as laterais do teto abobadado tinham sido esculpidas de modo que parecia ser envidraçada com amostras de céu aberto. Desenhos intrincadamente enrolados, renderizados em tinta brilhante de pó de pixie, preenchiam as finas tiras de casca deixadas entre cada painel. Escondidos dentro dos padrões estavam os símbolos de cada estação: a flor Evergreen para a primavera; a lua cheia para o outono; um arco-íris para o verão; e um floco de neve para o inverno. Isso sempre intrigou Clarion. Se seus reinos sempre foram separados um do outro, por que os talentos da arte incluíram o inverno em seus designs?

À medida que se aproximavam, o som abafado dos ministros discutindo entre si chegou a Clarion através do teto aberto. O que havia para discutir tão cedo naquela manhã estava além de sua compreensão. Ela supôs que isso vinha com relacionamentos de trabalho infinitamente longos. Havia um número infinito de pequenas disputas e desentendimentos políticos para desenterrar e litigar, cujas origens Clarion havia apenas vagamente reunido desde sua chegada. De qualquer forma, eles nunca se cansavam de debater qual das estações importava mais. Ela se preparou ao entrar na câmara.

Lá dentro, os três Ministros Sazonais se reuniram em volta de uma longa mesa que ocupava quase a totalidade da sala. O Ministro da Primavera parecia estar fazendo algum tipo de discurso apaixonado, ao qual o Ministro do Outono assentiu vagamente. O Ministro do Verão, enquanto isso, parecia prestes a adormecer onde estava. Mas assim que a notaram, um silêncio caiu sobre eles. Era parte da magia do talento de governar, ela aprendeu: uma habilidade de comandar a atenção de uma multidão. Ártemis se encolheu nas sombras, caindo em um descanso perfeito de desfile. Clarion manteve o queixo erguido enquanto se dirigia para a cabeça da mesa, onde Elvina geralmente ficava. De alguma forma, a sala parecia completamente diferente daquele ponto de vista.

Mais perto dela estava o Ministro do Outono — Rowan — que lhe lançou um sorriso fácil. Como sempre, ele parecia ter acabado de sair do frio; suas bochechas pálidas estavam vermelhas. Seus olhos castanhos brilhavam para ela, e cabelos ruivos se enrolavam em volta de suas orelhas. Ele usava uma capa de retalhos de folhas de outono presa com um broche castanho polido. Clarion gostava mais dele, mesmo que apenas porque ele ousava falar fora de hora na presença dela. Ele era afiado, agradável e apenas *ocasionalmente* propenso a crises de melancolia.

Ao lado dele estava a Ministra do Verão, Aurelia, que levantou o queixo em reconhecimento. Hoje, ela estava vestida com a flor completa de sua estação: um vestido de hortênsias, um colar de zínias e pulseiras de rosas. Ela havia arrumado o cabelo em um coque elaborado no topo da cabeça.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Wings of Starlight"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).